

Tragédia na Pátria Amada, Brasil!

Maria Helena Santini Campos Tavares (Professora do Curso de Engenharia Ambiental, Escola de Engenharia de Piracicaba, Piracicaba, SP)

A tragédia seja no teatro ou na vida real acontece com prejuízos causados por misteriosas forças que resultam em inevitável destruição, calamidades, catástrofes e desgraça pública, bem como pessoais e materiais. Na história humana são inúmeros os relatos de tragédias de vários tipos, mas simplificando, existem as que são imprevisíveis e em sua maioria, aquelas que podem ser previsíveis e portanto sujeitas a ordenamentos técnicos, jurídicos e econômicos, etc. ou que amplamente podem ser classificadas como políticas, que segundo o Dicionário do Aurélio, “conjunto dos negócios de Estado e maneira de os conduzir”... é também “direção de um Estado e determinação das formas de sua organização”.

Muito embora o Planeta Terra possa ser atingido por um meteoro gigante, um terremoto catastrófico, secas violentas, mesmo assim existe conhecimento e tecnologia capazes de ajudar pelo menos na mitigação dos seus efeitos. Outras tantas são tragédias previsíveis e com organização e políticas claramente definidas que são seguidas com o devido preparo para minimizar seus efeitos. Mas, dentro desse grupo previsível há tragédias de difícil controle representadas pela falta de educação, civilidade e patriotismo. E existem muitos exemplos de difícil solução principalmente quando envolvem interesses econômicos e politicagens de vários matizes. Poderiam ser citados vários exemplos como os esforços para esclarecimento dos efeitos da degradação ambiental, da previsibilidade de guerras motivadas pelo histórico domínio de terras e reinos, pela posse de fontes de energia e outras, como de mão de obra barata e dos vários recursos naturais que ainda existem em grande quantidade e qualidade em Países atualmente existentes. Falam mais alto os interesses econômicos e desnecessário mencionar que esses não têm compaixão, respeito ou solidariedade humana.

Mas, são as tragédias previsíveis muito mais frequentes em países de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), mesmo que sejam ricos e potências econômicas mundiais. O que diferencia esses grupos? Simplificando, podemos citar os hábitos e costumes no convívio social, no respeito à Lei e à Ordem, na seriedade do seu Sistema Educacional e na valorização dos bens culturais e materiais, sem depredações, exclusão social e preconceitos degradantes. O IDH

é muito bom quando associado ao elevado PIB, cobertura da saúde e aposentadorias, valor para quem trabalha e produz, rigor para quem desobedece as regras e leis, intolerância para com as fraudes. Em muitos Países, onde falha a educação e a defesa dos bens culturais, materiais e ambientais, fatalmente existe maior possibilidade de acontecerem tragédias ou dificuldade na sua reparação, mitigação e responsabilização daqueles que deveriam estar comprometidos com seriedade e não com propósitos obscuros seja na organização dos Estados, seja na condução dos negócios do Estados ou de empresas.

Onde fica o Brasil nesse contexto? Para quem observa a alegria do carnaval e a organização perfeita das Escolas de Samba, a mão no peito na abertura de competições esportivas ou cantando letra por letra do Hino Nacional Brasileiro, pode se emocionar e viver o bom desses momentos onde patrioticamente as pessoas se emocionam. Mas, e sempre há outro lado, que aqui não cabem ser esmiuçados em detalhes, mas diante de mais uma TRAGÉDIA NACIONAL, como a de Brumadinho, com perdas humanas e ambientais incalculáveis, mesmo com mobilização humanitária de ajuda aos atingidos, não menor pode e deve ser o clamor pela mudança de paradigmas. Não mais cabe a politicagem, o obscurantismo, o retrogrado inculto, o descaso e falta de seriedade com as coisas públicas e do Estado. Como se pode jurar com a mão no peito ao tomar posse, seja o aluno ou acadêmico que se forma, o dirigente que é empossado e todos aqueles que juram defender suas causas, se em pouco tempo o juramento é quebrado? Se na maior parte do tempo as vantagens pessoais, seja a fama ou a grana, falam mais alto? O que estão fazendo os formadores de leis se legislam em causa própria, admirados pela desenvoltura com que agem “fisiologicamente” e assim sustentam suas carreiras de politicagens, ou o técnico que assina um laudo fictício, que fraudas dados com desfaçatez? Ficamos pasmos, também, com muitos que ao aplicar leis encontram em suposta teoria hermenêutica as fórmulas mágicas para serem brandos com criminosos?

Em síntese, nem tudo pode ser perfeito, mas dever é dever, lei é lei e ordem é ordem e Educação é aquela que contribui para a formação de pessoas capazes de ser honrados e respeitados cidadãos. E, fora dos preceitos básicos da civilidade e da educação, do respeito ao próximo mesmo que sejam pecadores, não há como ser preparado para prever e enfrentar tragédias, tornando-as menos catástrofes do que já são.

Eis pois, que não se pode negar que a responsabilidade dos condutores do Estado e das Empresas, merecem as glórias se agem dentro das regras e as defendendo, mas igualmente devem ser responsabilizados todos aqueles e em todos os níveis os que envolveram em tragédias como a de Mariana e agora de Brumadinho, na qual os previsíveis danos são ainda maiores. Toda a classe dirigente é responsável no seu âmbito de atuação e não se pode tolerar a próxima previsível Tragédia na Pátria Amada, Brasil.